



No debate sobre a representação política para Brasília, Brossard afirmou que é paradoxal que a capital não tenha este direito que as pequenas cidades e territórios possuem

# BRASÍLIA

## Após a maioridade o apelo para votar

Enquanto na platéia uma multidão de jovens gritava: "Queremos votar, queremos votar", no palanque, vários oradores, de todas as categorias, representando a comunidade nacional e de Brasília, defendiam o direito da população brasiliense ter a sua representação política, legitimamente eleita pelo voto popular.

Concretizando uma antiga luta, a comunidade brasiliense se reuniu no auditório da Associação Comercial, para ouvir dos seus mais legítimos representantes o grito de reivindicação do seu direito de participar da eleição de seus representantes administrativos.

Para um auditório repleto de jovens, líderes de classe, empresários, estudantes, representando a síntese populacional de Brasília, falaram os senadores Paulo Brossard e Cattete Pinheiro, o pioneiro Joaquim Cândido Garcia Neto, o presidente da ABI, Pompeu de Souza, o advogado Maurício Correa, Lindberg Aziz Cury e Wilson Wander Lopes, além de outros participantes da platéia.

Falando em nome da imprensa, "que representa a inconformidade da opinião pública" — com um título de eleitor na mão, Pompeu de Souza perguntou: "Por que esse documento, título máximo da cidadania brasileira, passou a ser um papeluco inútil, sem sentido e sem significação, servindo apenas para trabalhos enfadonhos da burocracia, permanecendo virgem e imaculado.

"Todos queremos que esse documento tenha sua virgindade violada de quatro em quatro anos, com uma assinatura que o legitime, pois todo poder emana do povo. A argumentação de que a população de Brasília não pode votar, porque aqui se acha instalada a capital da República, não tem consistência".

Vivamente aplaudido, o orador comparou o atual sistema de escolha dos governadores com a "anunciação", com a seleção feita no Olimpo e sendo anunciada num show de televisão.

Condenando a afirmação do jogador Edson Arantes do Nascimento, "Pelé", de que o povo brasileiro não sabe votar, Pompeu de Souza disse: "O povo brasileiro tanto sabe votar que não elegeu o poder que aí está. Precisamos de democracia, porque ela se autocorre, enquanto a autocracia se afunda nos erros, o povo deve voltar a ser o poder, e não ser por ele oprimido — finalizou.

Renovando sua solidariedade à campanha da população de Brasília, em defesa de uma representação política para a cidade, o senador Cattete Pinheiro, membro da comissão do Senado que legisla para o Distrito Federal, afirmou que está com o povo de Brasília na sua luta para conseguir o seu direito de voto.

"Enquanto as pequenas cidades dos

territórios brasileiros possuem sua representação política, é paradoxal que a capital da República não tenha esse mesmo direito", afirmou o senador Paulo Brossard, dizendo que a situação que Brasília enfrenta desde a sua criação é insustentável, com o direito de voto dos cidadãos brasileiros sofrendo um encolhimento.

Com a coleção de governadores formada de ilustres desconhecidos, a Capitania de São Vicente, para não dizer São Paulo, aguarda o seu donatário, pois o povo perdeu o direito de eleger até seus governadores e prefeitos, por isso via com bons olhos a campanha dos brasilienses pelo direito de voto, uma vez que ela representa os anseios de todos os brasileiros.

O advogado Maurício Correa falou em nome da Associação Comercial dizendo: "A idéia de uma representação política para Brasília, praticamente nasceu quando a cidade se inaugurava pelo gesto extraordinário do grande presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, transferindo a capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central.

"Se outrora argumentos eram de que a cidade era nova, e não havia ainda formado a sua consciência política, tal pensamento hoje não mais subsiste em virtude da maturidade já adquirida com os 18 anos que ontem comemoramos, sem se mencionar o período em que pioneiros dos diversos pontos do Brasil transferiram-se definitivamente para a nova capital, a fim de participarem da arrojada empreitada da construção e fixação da nova metrópole".

"Formada a mentalidade brasiliense com um comércio vertiginoso, uma indústria de transformação razoável, universidades, jornais, televisão e um conglomerado humano que já ultrapassa a casa do milhão, não é mais possível admitir-se a marginalização de seu povo que, obrigado constitucionalmente a alistar-se como eleitor, não pode ainda exercer, nas urnas, o seu sagrado direito do voto.

"Os atos do Governo local são praticados sem que uma voz se levante para a necessária crítica que, na composição do mecanismo democrático, funciona como peça indispensável do equilíbrio na balança das regras do jogo político.

"À guisa de esclarecimentos, voltamos nossos olhos para o Parque Recreativo de Brasília, o qual sem se saber como e porque, deu-se-lhe o nome de Rogério Pithon Farias, não que não possa merecer, comprovada a intransponibilidade de sua construção de obra meramente suntuária, adiável, e não catalogada no elenco de nossas prioridades, sem se recorrer a audiência pública da indagação de nomes pioneiros que, curtidos pelo tempo, pelo sol

e poeira, como o ex-presidente Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Jofre Mozart Parada, Israel Pinheiro e tantos outros, já registraram nos anais da história o julgamento de benfeiteiros e verdadeiros heróis dessa epopeia que foi a construção e a consolidação da capital da esperança.

"O festival de obras ora em fase de inauguração e já inauguradas no epílogo desta longa metragem contrasta com a realidade da vida de cada brasiliense, que amarga nos ambulatórios desta nebulosa rede de hospitais da Fundação Hospitalar um atendimento digno, segundo o conceito de que a prioridade deve ser o homem e as necessidades primeiras que o rodeiam, como a água, o transporte, a saúde, a educação etc.

"Já não me referiria a outros aspectos do império do veredito unipessoal, em que julgou fechar o Setor Comercial Sul abruptamente, sem que fossem levadas em conta as ponderações levantadas por associações, dos malefícios do édito, tanto é que, vencida a experiência, afrouxou-se a inflexibilidade da ordem.

"O que falar da revoada de pessoas de fora que vieram para Brasília com a posse do novo governador, preenchendo os quadros do primeiro e do segundo escalões, onerando desnecessariamente os cofres de nosso erário, como se aqui não tivesse o pessoal técnico adestrado para dirigir os seus quadros, com despesas supérfluas de habitação, transportes, passagens, hospedagens etc.

"Não se contradita nada aqui, apenas como vacas de presépio balançamos as nossas cabeças, num sinal de aceitação imposta.

"Verificamos que com os 18 anos idade o Senado e a Câmara já começam a se preocupar conosco. Os pronunciamentos de dezenas de parlamentares ilustres têm sido repetidos, uns com parcimônia, outros com mais generosidade.

"A Associação Comercial do Distrito Federal aprovou um documento que se chamou 'Proclamação de Brasília', e esse encontro, que ora fazemos, com a participação de todo o povo, desde as associações de classe, sindicatos de ambas as categorias, dos profissionais liberais, das donas-de-casa, dos estudantes não pertence a ninguém, senão a todos conjuntamente.

"O que se aspira é que este movimento se constitua, através das entidades de classe, num ato de fé permanente, resistindo até que se reconheça em nós o direito do exercício do voto, com representantes nas Casas do Congresso e numa Assembléia Legislativa ou Câmara de Vereadores".